

# João 1:1

## *Caveat Lector* (Cuidado com o leitor)

Por *Anthony F. Buzzard*

Título Original (Em Inglês)  
“*John 1:1 Caveat Lector (Reader Beware)*”

Traduzido por *Fernando Coutinho Sánchez*  
([ferjoscoustan@gmail.com](mailto:ferjoscoustan@gmail.com))  
Machalí – Osorno, Chile, jan. de 2025

Todas as citações bíblicas neste estudo em português foram retiradas da Versão Bíblica Juan Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada (ARA). Publicações eletrônicas. — Salvo indicação em contrário. Estas citações estão entre aspas e em caracteres ITÁLICOS.

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um verso da Escritura são incluídas em [COLCHETES].

Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou outras línguas estão entre aspas, e em caracteres “ITÁLICOS” e/ou transliteradas para o português.



“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu **propósito**. Porquanto aos que de **antemão conheceu** <sup>[1]</sup>, também os destinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o **primogênito** entre muitos irmãos. E aos que destinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, **a esses também glorificou**”. [isto é, deu-lhes glória na intenção, ainda não na realidade] (*Romanos 8:28-30*; ver *Efésios 1:3-10*).

“Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, **assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo**, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos destinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, **segundo o beneplácito de sua vontade** – para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado, no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça, que Deus derramou abundantemente sobre nós em toda a sabedoria e prudência, **desvendando-nos o mistério da sua vontade** [o mistério do Reino],

---

<sup>[1]</sup> O próprio Jesus foi conhecido de antemão (*1 Pedro 1:20*).

*segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nele – na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu, como as da terra...*

*“Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de recebermos a adoção de filhos. E porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: Aba, Pai! Assim, já não é escravo, mas filho; e se és filho, és também herdeiro de Deus por Cristo” (Gálatas 4:4-7; tradução do tradutor).*

*“[Dios] quien nos salvó y llamó con llamamiento santo, no conforme a nuestras obras, sino según el propósito suyo y la gracia que nos fue dada en Cristo Jesús antes de los tiempos de los siglos, pero que ahora ha sido manifestada por la aparición de nuestro Salvador Jesucristo, el cual quitó la muerte y sacó a luz la vida y la inmortalidad por el evangelio” (2 Timoteo 1:9, 10).*

*“... [Deus] que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos, e manifestada, agora, pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho ... (2 Timóteo 1:9, 10).*

*“... na esperança da vida eterna que o **Deus que não pode mentir prometeu antes dos tempos eternos** [de aiónion] e, em tempos devidos, manifestou a sua palavra mediante a pregação que me foi confiada por mandato de Deus, nosso Salvador...” (Tito 1:2, 3).*

## ***João e o Propósito Preexistente de Deus***

Um dia, é provável que irrompa uma tempestade teológica sobre a tradução do prólogo de João nas nossas versões padrões. Hoje, é oferecida ao público uma vasta gama de interpretações, desde as puramente literais às livremente parafraseadas. Mas será que estas traduções representam a intenção de João? Ou são tradicionais, baseadas naquilo que “todos aceitam”? Serviram algumas vezes de arma nas mãos da ortodoxia cristã para impor as decisões dos credos e concílios post-bíblicos? O buscador da Verdade no estilo bereano (Atos 17:11) deve investigar todas as coisas cuidadosamente.

De acordo com as conclusões de um estudo recente e marcante sobre a origem de Cristo na Bíblia, os leitores da Bíblia ouvem instintivamente o texto de *João 1:1* da seguinte forma: “No princípio era Jesus, e Jesus estava com Deus, e Jesus era Deus. ” . ou “No princípio era o Filho, e o Filho estava com o Pai...”<sup>121</sup>

Esta leitura da passagem fornece um suporte vital para a doutrina tradicional da Divindade, partilhada igualmente pelo Pai e pelo Filho desde a eternidade. As versões parafraseadas vão por vezes muito além do grego original. A “*Contemporary English Version*” (Versão Inglesa Contemporânea) interpreta João como se quisesse dizer que dois seres estavam presentes no princípio. “*O Verbo era aquele que estava com Deus*”. Sem dúvida, segundo esta tradução, o Verbo seria equivalente a um Filho eterno. Seria certamente entendido neste sentido por aqueles que foram educados em credos post-bíblicos.

---

<sup>121</sup> Karl-Josef Kuschel, “*Born Before All Time: The Debate about the Origin of Christ*” (Nascido Antes de Todos os Tempos: O Debate Sobre a Origem de Cristo), New York: Crossroad Publishing Company, 1992, 381.

Mas porque é que, pergunta *Kuschel*, os leitores saltam de “palavra” para “filho”? O texto diz simplesmente. “*No princípio era o Verbo*”, e não “No princípio era o Filho”. A substituição de “palavra” por “filho”, que para milhões de leitores parece ser um reflexo automático, teve consequências dramáticas. Ela exerceu uma influência poderosa, até mesmo fascinante, sobre os leitores da Bíblia. Mas o texto não justifica a alteração. Novamente João escreveu: “*No princípio era o verbo*”. Ele não disse: “No princípio era o Filho de Deus”. Na verdade, não há qualquer menção direta ao Filho de Deus até chegarmos ao *versículo 14*, onde “*E o Verbo [não o Filho] se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai*”: Não há menção de um Filho até ao *versículo 14*. O Filho é aquilo em que a palavra se tornou, mas o que é a palavra?

Imagine se eu dissesse ao meu filho: “O nosso carro já esteve na cabeça do seu designer e agora está aqui na nossa garagem”. A criança pode responder: “Como é que este carro poderia caber na cabeça do designer? “Seria muito grande.” Boa observação, mas baseada num grande mal-entendido. A aplicação ao nosso problema em *João 1:1* é simplesmente esta: O facto de o Verbo se ter feito homem Jesus, o *Filho de Deus*, não implica necessária ou automaticamente que Jesus, o Filho de Deus, seja equivalente um a um à palavra anterior ao *nascimento de Jesus*. E se a palavra, a autoexpressão de Deus, estivesse encarnada e manifestada no *homem Jesus*? Isto faz muito sentido em *João 1:14*. Evita também as complexidades aterradoras e nunca resolvidas do Trinitarismo, segundo o qual há dois ou três que são plena e igualmente Deus. Se a nossa teoria estiver correta, João estará a falar de um *Propósito divino* preexistente e não de uma segunda pessoa divina.

Os leitores da Bíblia sabem geralmente que em *Provérbios 8* a sabedoria estava “com [hebraico, “*Etzel*”; LXX, “para” Deus.” Ou seja, a sabedoria de Deus é personificada. É tratada como se fosse uma pessoa, não como se a Senhora Sabedoria fosse na verdade uma personagem feminina ao lado de Deus. Aceitamos este tipo de linguagem, geralmente sem qualquer confusão. Não supomos que Prudência, que habita com a Sabedoria (*Provérbios 8:12*), fosse literalmente uma pessoa. Quando o famoso *St. Louis Arch* foi finalmente concluído após vários anos de construção, um documentário anunciava que “o plano se tinha tornado realidade”. Por outras palavras, o plano já estava em forma física. Mas o arco não é exatamente equivalente aos planos na prancheta. O arco é feito de betão e as plantas são desenhadas em papel.

### ***A capitalização enganadora em “Palavra”***

Eis um facto notável e informativo: se tivéssemos uma cópia de uma Bíblia inglesa em qualquer uma das oito versões inglesas disponíveis antes de 1582, teríamos um sentido muito diferente dos primeiros versículos de João: “*No princípio era a palavra, e a palavra estava no princípio com Deus, e a palavra era Deus. Todas as coisas foram feitas por ela, e sem ela nada do que foi feito se fez*”.

“*Todas as coisas foram feitas por ela [a palavra]*”, **não ‘por ele’**. E é por isso que essas versões inglesas não se apressaram a concluir, como faz a King James Version de 1611 (influenciada pela versão católica romana de Rheims, de 1582) e seus seguidores, que a palavra era uma pessoa, o Filho, antes do nascimento de Jesus. Se todas as coisas foram feitas através da “palavra”, como “ela”, surge um significado completamente diferente. A “palavra” não seria *uma segunda pessoa*

que existe ao lado de Deus Pai desde a eternidade. Resultado: um dos principais pilares dos sistemas tradicionais dos membros da Divindade seria eliminado.

Há mais a dizer sobre essa frase inocente: “No princípio era a palavra”. Não há justificação no original grego para colocar um “P” maiúsculo em “palavra”, convidando assim o leitor a pensar numa *pessoa*. Trata-se de uma interpretação imposta do texto, acrescentada ao que João escreveu. Mas será que era essa a sua intenção? A questão é: o que é que João e os seus leitores entendem por “palavra”? É óbvio que há aqui ecos de *Génesis 1:1* e segs.: “o princípio, criou Deus os céus e a terra... Disse Deus [usando a sua palavra]: ‘Haja luz’. “Deus disse” significa ‘Deus pronunciou a Sua palavra’, o meio da Sua atividade criadora, a Sua poderosa expressão. O *Salmo 33:6* tinha fornecido um comentário ao Génesis: “Os céus por sua palavra [Do Senhor] se fizeram”. Assim, em *João 1:1*, Deus exprime a sua intenção, a sua palavra, a sua expressão criadora e o seu autor revelador. Mas absolutamente nada no texto, para além da intrusiva letra maiúscula sobre “palavra” nas nossas versões, transformando a palavra num nome próprio, nos levaria a pensar que Deus estava na companhia de outra pessoa ou Filho. A palavra que Deus pronunciou é, de facto, simplesmente “a palavra de Deus”, a expressão de si mesmo. E a palavra de um não é obviamente a palavra de outra *pessoa*.

## ***O significado da “Palavra***

Um bom estudo bíblico exige que tentemos compreender o significado de “palavra” no contexto do pensamento de João. Há muito que os comentadores reconhecem que João é completamente hebraico na sua abordagem da teologia. Ele está mergulhado na Bíblia hebraica. “Palavra” apareceu cerca de 1.450 vezes (mais o verbo ‘falar’ 1.140 vezes) na Bíblia hebraica que João e Jesus conheciam tão bem. *O significado padrão de “palavra” é enunciado, promessa, ordem, etc.* Nunca significou um ser pessoal – nunca “o Filho de Deus”. Nunca significou um porta-voz. Pelo contrário, uma palavra significava normalmente o índice da mente – uma expressão, uma palavra. Há uma grande variedade de significados para “palavra” de acordo com uma fonte padrão. “Pessoa”, no entanto, não está entre esses significados.

O substantivo “*davar*” [palavra] aparece cerca de 1455 vezes ... Em contextos legais, significa disputa (*Êxodo 18:16, 19; 24:14*), acusação, veredito, reivindicação, transferência e provisão ... [de outra forma] pedido, decreto, conversa, relatório, texto de uma carta, letra de uma canção, promessa, anais, evento, mandamento, plano (*Génesis 41:37; 2 Samuel 17:14; 2 Crónicas 10:4; Ester 2:2; Salmo 64: 5, 6; Isaías 8:10*), língua ... *Daniel 9:25*: um decreto do rei; [também:] coisa, assunto ou evento. De particular significado teológico é a frase “a palavra de Jeová/Deus veio a ...” ... Em *Juízes 3:19-21*, “Aod” entrega uma mensagem secreta (ou seja, uma espada para o matar) ... *Yahweh* ordena a existência do universo. *Yahweh* fala a verdade para que todos possam confiar nele. A palavra do Senhor tem poder porque é uma extensão do conhecimento, do carácter e da capacidade de *Yahweh*. O Senhor conhece o curso dos acontecimentos humanos. Do mesmo modo, as palavras humanas refletem a natureza humana (“a boca fala do que há em abundância no coração/mente”) ... As palavras são usadas para fins bons ou maus (*Provérbios 12:6*) ... As palavras podem animar, corrigir e acalmar. <sup>[3]</sup>

Podemos acrescentar que “Como o homem pensa no seu coração [e fala], assim ele é” (*Provérbios 23:7*). Uma pessoa “é” as suas palavras. “No princípio era a palavra”, ou seja, a

---

<sup>[3]</sup> “*Dictionary of Old Testament Theology and Exegesis*” (Dicionário de Teologia y Exegeses do Antigo Testamento), Vol. 1, 912, ênfases acrescentado.

palavra de Deus. É evidente que João não disse que a palavra era um porta-voz. A palavra nunca teve esse significado. Claro que a palavra pode tornar-se porta-voz, e foi o que aconteceu quando Deus se exprimiu num Filho, trazendo Jesus para o palco da história. Assim, *Hebreus 1:2* diz: “*en estos postreros días nos ha hablado por el Hijo*” A implicação é que Deus não falou antes através do Seu único Filho, mas que Ele falou depois. Há uma distinção cronológica importante entre o tempo *antes do Filho* e o tempo depois do Filho. Houve um tempo em que o Filho ainda não existia.

Seria um grave erro de interpretação rejeitar o significado amplamente atestado de “palavra” na matriz hebraica a partir da qual João escreveu e atribuir-lhe um significado que nunca teve – uma “pessoa”, segundo membro de uma Trindade divina. Nenhum léxico da Bíblia hebraica incluiu alguma vez “*davar*” (palavra hebraica) como pessoa, Deus, anjo ou homem.

## ***A Palavra “com Deus***

O prólogo de João continua: “*E a palavra estava com Deus*”. Assim leem as nossas versões. E assim se poderia traduzir o grego, se já se tivesse decidido, contra todas as evidências, que por “palavra” João se referia a uma pessoa, o Filho de Deus, vivo antes do seu nascimento.

A língua hebraica deve ser tida em conta. Sem uma noção do contexto hebraico, como tantas vezes acontece no Novo Testamento, ficamos privados de uma chave vital para a compreensão. Poderíamos perguntar a um falante de inglês: “Quando foi a tua última palavra ‘contigo’?” O facto é que, em inglês, que não é a língua da Bíblia, uma “palavra” nunca está “contigo”. Uma pessoa pode estar “consigo”, certamente, mas não uma palavra.

Mas na literatura sapiencial da Bíblia, uma “palavra” pode certamente estar “com” uma pessoa. E o significado é que um plano ou um objetivo – uma palavra – está guardado no coração, pronto a ser executado. Por exemplo, *Job* diz a Deus (*10,13*): “*Estas coisas, as ocultaste no teu coração; mas bem sei o que resolveste ‘contigo mesmo’ [perto]*”. A NASV dá um sentido mais inteligível em inglês ao ler: “*I know that these things are within you*” [*Eu sei que estas coisas estão dentro de ti*]. A NVI diz “*na tua mente*”. Mas o hebraico diz literalmente “*contigo*”. Novamente em *Jó 23:13, 14* é dito de Deus, “*O que ele deseja, isso fará. Pois ele cumprirá o que está ordenado a meu respeito e muitas coisas como estas ainda tem consigo*”, significando, é claro, que os planos de Deus estão armazenados em Sua mente. A palavra de Deus é a Sua intenção, guardada no Seu coração como planos a serem executados no mundo que Ele criou. Por vezes, o que Deus tem “com Ele” é o decreto que Ele planeou. Com isto podemos comparar pensamentos semelhantes: “*Eis qual será da parte de Deus a porção do perverso e a herança que os opressores receberão do Todo-Poderoso*” (*Jó 27:13*). “*Ensinar-vos-ei o que encerra a mão de Deus e não vos ocultarei o que está com o Todo-Poderoso*” (*Jó 27:11*).

Devemos também considerar o conceito relacionado de “Sabedoria”. Em *Job* encontramos isto: “*O abismo diz: Ela não está em mim; e o mar diz: Não está comigo*” (*Job 28:14*). Ter a sabedoria ou a palavra “com” é tê-la na mente e no coração. “*Com Deus está a sabedoria e a força; ele tem conselho e entendimento*” (*Job 12:13*). E, claro, a Sabedoria, ou seja, a Senhora Sabedoria, estava com (em hebraico, “*Etzel*”; LXX, “para”) Deus no princípio (*Provérbios 8:22, 30*).

Em *Génesis 40,14* lemos: “*Porém lembra-te de mim, quando tudo te correr bem*”, e o texto diz literalmente: “*Lembra-te de mim contigo...*” De todos estes exemplos resulta claro que, se algo

está “com” uma pessoa, aloja-se na mente, muitas vezes como um objetivo ou plano decretado. Paulo comentou em *Gálatas 2:5* que o Evangelho podia continuar “com [pros] eles”, na sua maneira de pensar.

Assim também em *João 1:1*: “No princípio, Deus tinha um plano e esse plano estava no coração de Deus e era Ele próprio ‘Deus’” – ou seja, Deus na Sua autorrevelação. O plano era a própria expressão da vontade de Deus. Era um Plano divino, um reflexo do Seu ser interior, próximo do coração de Deus. João gosta da palavra “é”. Mas nem sempre é um “é” de estrita identidade. Jesus “é” a ressurreição (“*Eu sou a ressurreição*”), “Deus ‘é’ espírito”. Deus “é” amor e luz”. (De facto, Deus não é idêntico à luz e ao amor, e Jesus não é literalmente a ressurreição. “A palavra *era Deus*” significa que a palavra exprimia plenamente a mente de Deus. Uma pessoa “é” a sua mente, metaforicamente falando. Jesus é aquele que pode realizar a nossa ressurreição. Comunicamos com Deus através do seu espírito (*João 4:24*). A palavra é o índice da intenção e do objetivo de Deus. Estava no Seu coração, expressando o Seu próprio ser. Segundo a “*Translator’s Translation*” (Tradução do Tradutor), “a Palavra estava com Deus e partilhava a sua natureza”, “a Palavra era divina”.<sup>14</sup> A palavra é, pois, a expressão divina, o Plano divino, o próprio ser de Deus revelado. A frase grega “*theos een o logos*”<sup>15</sup> (“a palavra era Deus”) pode ser traduzida de diferentes maneiras. O sujeito é “palavra” (*logos*), mas a ênfase está no que a palavra era: “Deus” (*theos*, sem artigo definido), que encabeça a frase. “Deus” é aqui o predicado. Tem um sentido ligeiramente adjetivo que é muito difícil de exprimir exatamente em inglês. João pode dizer que Deus é amor ou luz. Não se trata de uma equivalência exata. Deus está cheio de luz e de amor, caracteriza-se pela luz e pelo amor. A palavra é também uma expressão perfeita de Deus e da sua mente. A palavra, poderíamos dizer, é a mente e o coração do próprio Deus. É por isso que João escreveu: “No princípio, Deus exprimiu-se”. E não “No princípio, Deus deu à luz um Filho”. A imposição de credos posteriores ao texto foi responsável por toda a espécie de confusão e até mesmo de males, quando uns mataram outros por causa da questão do chamado “Filho eterno”.

### ***Uma Perturbação do Monoteísmo***

A grande dificuldade enfrentada por aqueles que dizem que havia um “Deus Pai” no céu enquanto o “Deus Filho” estava na terra é que isso implica dois Deuses! De acordo com essa teoria, havia um Deus que não se tornou Filho e um Deus que se tornou Filho. Isso dissolve a unidade de Deus. Isso mina e compromete o primeiro mandamento: “*Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus, o Senhor é um só*” (*Marcos 12:29*). Também vai contra a grande declaração de Isaías de que Deus não estava acompanhado como Criador. “*Assim diz o SENHOR, que te redime, o mesmo que te formou desde o ventre materno: Eu sou o SENHOR, que faço todas as coisas, que sozinho estendi os céus e sozinho espraiei a terra*” (*Isaías 44:24*).

É claro que, se alguém tiver dado um primeiro passo em falso ao supor que a “palavra” no princípio era “o Filho”, então a frase “a palavra era Deus” só pode confirmar a impressão de que há dois membros da Divindade, sendo que ambos são, de alguma forma, um só Deus. Por mais problemático e ilógico que este salto para uma dualidade em Deus possa ser, os leitores da Bíblia foram condicionados a dar esse salto sem dor. Eles deram esse salto apesar da impossibilidade de entender *João 1:1c* como significando “e o Filho era o Pai”. Nenhum trinitário acredita nisso, mas

---

<sup>14</sup> “*British and Foreign Bible Society*” (Sociedade Bíblica Britânica y Estrangeira), 1973, ênfases acrescentado.

<sup>15</sup> A transliteração reflete a pronúncia grega moderna.

para o evitar tem de atribuir à palavra Deus em *João 1:1c* um significado diferente daquele que lhe deu em 1b, onde instintivamente ouve “e o Filho estava com Deus [= o Pai]”. Mas toda a ideia de uma dualidade de pessoas no prólogo de João contradiz a afirmação de Isaías de que ninguém estava com o Senhor no princípio <sup>16]</sup>. [Este facto, por si só, deveria ter impedido os tradutores de pensar que a “palavra” era outra pessoa ao lado do Senhor Deus. Além disso, qualquer introdução de um segundo ser divino no prólogo de João tem o custo de contradizer o que Jesus disse mais tarde. Noutros lugares, Jesus mostra-se um firme crente no monoteísmo unitário (Deus é uma só pessoa) da grande herança judaica. Dirigindo-se ao Pai, Jesus diz inequivocamente: “*que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro*”, “*o único que é verdadeiramente Deus*” (*João 17:3*).

### ***O Monoteísmo Unitário Não É Abandonado Por João Ou Por Jesus.***

De facto, não precisamos de um exército de especialistas para nos ajudar a compreender esta simples frase. Jesus volta a referir-se ao Pai como el “*Deus único*” (5:44). São ecos do monoteísmo puro e rigoroso da Bíblia hebraica e, portanto, dos judeus durante séculos. No Novo Testamento, Deus continua a ser o “*Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*” (*Romanos 15,6; 2 Coríntios 1,3; 11,31; Efésios 1,3; 1 Pedro 1,3; Apocalipse 1,6*). Jesus tinha e tem um Deus, e o Deus de Jesus é o Pai, o único Deus de *João 17:3*. Exatamente como no Antigo Testamento: “*Não temos nós todos o mesmo Pai? Não nos criou o mesmo Deus?*” (*Malaquias 2:10*). “*Pois tu és grande e operas maravilhas; só tu és Deus!*” (*Salmo 86:10*). “*E reconhecerão que só tu, cujo nome é SENHOR, és o Altíssimo sobre toda a terra*” (*Salmo 83:18*). Como isto se harmoniza maravilhosamente com a grande afirmação credo de Paulo: “*Para nós [cristãos] há um só Deus, o Pai*” (ver *1 Coríntios 8:4, 6*). Também esta é uma afirmação inequívoca sobre quantas pessoas existem na Divindade: apenas uma.

### ***Jesus é o Senhor***

A teologia tem tentado tragicamente perturbar esta simples Verdade. Tem-se argumentado que Jesus em *1 Coríntios 8:6* é chamado de “*um só Senhor*”. Certamente que sim, mas se o Pai é “*o único Deus verdadeiro*” (*João 17:3*), <sup>17]</sup> é logicamente impossível que Jesus seja também esse único Deus. Jesus é de facto o único Senhor, mas em que sentido, “Senhor” em que sentido? É aqui que o famoso *Salmo 110:1* entra em cena para revelar uma verdade preciosa. Este versículo ganha o prémio de ser o versículo do A.T. mais mencionado no N.T. É referido cerca de 23 vezes e, implicitamente, muitas mais. Nesse salmo, o Deus único, *Yahweh*, fala ao senhor de David, em hebraico “*adonee*”. Ora, “*adonee*” aparece 195 vezes no Antigo Testamento, e nunca se refere ao Deus único. Os guardiães do texto distinguem cuidadosamente entre o “Senhor *Deus*” e todos os outros superiores. O Senhor Deus é chamado “*adonai*” 449 vezes (em todas as suas aparições), enquanto os superiores humanos (e muito ocasionalmente angélicos) são chamados senhor (*adonee*). Mais uma vez, os tradutores tomaram liberdades e capitalizaram “senhor” no *Salmo 110:1*, e só nesse versículo é que capitalizaram “senhor” quando traduzido de “*adonee*”. A KJV, RSV, NRSV, NAB corrigiram o erro e escreveram corretamente “senhor”. *Jesus é o único Senhor*

---

<sup>16]</sup> SENHOR é o nome pessoal do Pai. O trinitarismo inclui outros dois no título e, por isso, tem o Filho de Deus a comunicar nos tempos do Antigo Testamento, contrariamente à declaração clara de Hebreus 1:1, 2.

<sup>17]</sup> Note-se que Jesus disse: “Tu, Pai, és o único que é verdadeiramente Deus”. Ele não disse: “a vossa Divindade é a única Divindade”. Por outras palavras, o Deus Único é uma única pessoa, não uma Divindade ou essência abstrata.

*Messias (Lucas 2:11)*. Para lhe dar o seu título completo, ele é “o Senhor Jesus Messias”, “o Senhor Messias, Jesus”. Mas ele não é o Senhor Deus, pois só há um nessa categoria (*João 17,3; 1 Coríntios 8,4-6*). Como é terrivelmente complexo e ilógico ter um Deus Pai no céu enquanto supostamente outro, que é igualmente o único Deus, anda na terra. Não seriam dois deuses? Como seria incrivelmente difícil imaginar que o Senhor Messias, que disse expressamente não saber certas coisas, fosse ao mesmo tempo o Deus Todo-Poderoso, onisciente e omnipresente do Universo. De acordo com essa teoria espantosa, o bebé mudo na manjedoura estava também, *ao mesmo tempo*, a sustentar o universo com os seus poderes ilimitados. A Igreja tem estado envolvida nesse tipo de fantasia imaginativa há demasiado tempo.

### ***João 1:1, 14 – A Sabedoria e a Palavra de Deus expressas***

Propomos que o significado de João seja o seguinte:

No princípio havia uma palavra divina que estava guardada no coração de Deus e era a Sua própria expressão criativa. Todas as coisas surgiram por causa dessa palavra divina e sem ela nada do que foi feito se fez ... E a palavra/plano fez-se carne – realizou-se numa pessoa humana e habitou entre nós.

Essa expressão viva do propósito íntimo de Deus para a humanidade foi Jesus Cristo, a pessoa humana concebida sobrenaturalmente como o Filho de Deus. Jesus é, portanto, a expressão, como disse Paulo, da sabedoria de Deus, “*mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória*” (*1 Coríntios 2:7*). Jesus pensou na sua própria atividade como expressão da sabedoria, com a qual se equipara: “*Por isso, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas...*” (*Mateus 23:34*). Lucas relata a mesma frase: “*por isso, também disse a sabedoria de Deus: Enviar-lhes-ei profetas e apóstolos...*” (*Lucas 11:49*). Jesus é de facto a expressão do “*poder de Deus e sabedoria de Deus*” (*1 Coríntios 1:24*).

### ***A Opinião Dos Académicos Modernos***

Os Académicos contemporâneos estão a chegar à mesma conclusão sobre as palavras iniciais de João. Aqui estão algumas traduções de *João 1:1, 14* e comentários que não exigem que a palavra seja uma pessoa antes do nascimento de Jesus.

No princípio existia a palavra divina e a sabedoria. A sabedoria e a palavra divinas estavam ali com Deus e era o que Deus era. [*“The Complete Gospels”* (Os Evangelhos Completos)] <sup>181</sup>

No princípio era a Mensagem. A Mensagem estava com Deus e a Mensagem era a divindade. Ele estava com Deus no princípio. [*“Simple English Bible”* (Bíblia em Inglês Simples)]

No princípio Deus exprimiu-se. Esta expressão pessoal, esta palavra, estava com Deus e era Deus, e existia com Deus desde o princípio. [*“Phillips New Testament in Simple English”* (Novo Testamento de Phillips em Inglês Simples)] <sup>191</sup>

---

<sup>181</sup> Ed Miller, “*Annotated Scholars version, Revised*” (Versión anotada de los eruditos, revisada), Harper, San Francisco, 1994.

<sup>191</sup> Estas duas versões erram ao insistir no pronome pessoal “ele” para Mensagem e expressão.



No princípio era o Verbo (o “*Logos*”, o conceito expresso, aqui personificado). [“*The Authentic New Testament*” (O Novo Testamento Autêntico)] <sup>[10]</sup>

No princípio era o propósito de Deus, e esse propósito foi revelado num encontro histórico. <sup>[11]</sup>

“O Verbo”, disse João, “fez-se carne”. Poderíamos dizer de outra forma: “a Mente de Deus tornou-se uma pessoa”. <sup>[12]</sup>

C. C. Torrey traduz *João 1:1c*, “a palavra era deus”. <sup>[13]</sup> Com esta tradução, o professor pretende dizer-nos que a palavra tem a qualidade de Deus, mas não é idêntica a Deus. *James Denny* partilha a sua sensibilidade às nuances do grego, que analisou a cláusula “A palavra era Deus”:

Quanto ao seu comentário de que deixou de mencionar uma afirmação inequívoca de que Jesus é Deus, estou inclinado a dizer que considero tal afirmação pouco atraente, simplesmente porque é impossível torná-la inequívoca. Não é a verdadeira forma de dizer algo verdadeiro... O NT diz que “*theos een o logos*” [a palavra era Deus], mas não diz “*o logos een o theos*” [a palavra era o único Deus], e é O último é o que realmente sugere à mente inglesa “Jesus é Deus” ... Provavelmente a minha aversão a uma expressão como Jesus é Deus é tanto linguística como teológica. Somos agora tão completamente monoteístas que a palavra Deus, para ser pedante, deixou de ser uma denominação e passou a ser um nome próprio: identifica o ser a quem é aplicada, pelo que pode ser o sujeito de uma frase. Na Grécia, no século I, a situação era bem diferente. Poder-se-á então dizer “Jesus é *Theos*”. Mas o equivalente em português disto não é “Jesus é Deus” (com D maiúsculo), mas sim, digo isto como crente na sua verdadeira divindade, Jesus é deus (com g minúsculo), não um deus, mas um ser. em quem está a natureza do Deus Único ... Jesus é Deus é o mesmo que Jesus = Deus. Jesus é um homem e também Deus, por isso, em alguns aspetos, é menos e mais do que Deus; e, conseqüentemente, uma forma de proposição que na nossa linguagem sugere inevitavelmente a equivalência precisa de Jesus e Deus comete uma certa injustiça à verdade. <sup>[14]</sup>

Um comentário muito esclarecedor vem do *Dr. Norman Kraus*. O *Dr. Kraus* elogia a tradução de *J.B. Phillips* sobre *João 1:1* e deplora a interpretação da “Bíblia Viva” que dá a impressão de que o próprio Jesus estava vivo antes do seu nascimento. <sup>[15]</sup> Ele diz:

---

<sup>[10]</sup> *Hugh Schonfield*.

<sup>[11]</sup> *R.M. Grant, D.D., “The Early Christian Doctrine of God”* ((A Doutrina Cristã Primitiva de Deus)), Macmillan, 1950. O *Dr. Grant* é professor de Novo Testamento e Cristianismo Primitivo, *Divinity School, Universidade de Chicago*.

<sup>[12]</sup> *William Barclay, “Gospel of John”* (O Evangelho de João), Saint Andrews Press, 1957, Vol. 1, 14.

<sup>[13]</sup> “*The Four Gospels, A New Translation!*” (Los Cuatro Evangelios, ¡Una Nueva Traducción!), New York: Harper, 1947.

<sup>[14]</sup> “*Letters of the director James Denny to W. Robertson Nicoll*” (Cartas do diretor James Denny para W. Robertson Nicoll), 1893 – 1917, *Hodder and Stoughton*, 1920, 121-125. Embora *Denny* mantenha a sua crença na Trindade pelos seus próprios motivos, o seu testemunho constitui uma evidência contra uma tradição de tradução que promoveu a crença na Trindade por muitos outros. Esta evidência tem sido frequentemente ignorada pelos trinitários, que são menos cautelosos na sua abordagem à tradução.

<sup>[15]</sup> “Antes de existir qualquer outra coisa, Cristo estava com Deus. Esteve sempre vivo e é Deus. Ele criou tudo o que existe – não há nada que não tenha criado”. Esta é uma contradição óbvia de *Isaías 44:24* e de cinquenta outros textos que atribuem a criação apenas ao Senhor.

A Palavra expressa em Jesus é a autoexpressão de Deus. Assim, João diz-nos que desde o princípio Deus é um Deus que se expressa, não transcendente e distante como no pensamento filosófico grego neoplatónico que influenciou muito a ortodoxia dos séculos IV e V. Deus não está oculto e revela a Sua vontade apenas sob a forma escrita, como no Alcorão do Islão. Ele também não é a realidade silenciosa que só pode ser descoberta na disciplina da meditação, para além de toda a racionalidade humana, como na prática do *zazen* [no budismo]. Quão diferente seria todo o significado do Evangelho de João se o primeiro versículo fosse: No princípio era o *satori* (iluminação). <sup>[16]</sup>

É interessante que já em 1795 Gilbert Wakefield fez uma tradução que traduziu *João 1:3, 4*: “*Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez*”. A mesma tradução traduziu o primeiro versículo de *João 1*: “*No princípio era a Sabedoria*”. Não há dúvida de que, do ponto de vista da origem judaica, Sabedoria e Palavra tinham significados semelhantes.

Um membro distinto da equipa de estudiosos que produziu a “*Revised Version of the Bible*” (Versão Revista da Bíblia) (1881) destacou que “palavra” significa “Pensamento Divino manifestado em forma humana em Jesus Cristo”. Traduziu o versículo 3: “*A vida estava nele e a vida era a luz dos homens*”. <sup>[17]</sup>

Um importante especialista britânico em textos bíblicos, o *Dr. Hort*, admitiu que mesmo no Evangelho de João não há nenhuma declaração clara de que o *Filho de Deus* existiu antes do seu nascimento histórico em Belém: “Um pano de fundo [isto é, pré-existente] de paternidade e a filiação dentro da Divindade, diferentemente da Filiação manifestada na Encarnação, não é declarada por João em nenhum lugar em palavras expressas.” <sup>[18]</sup>

Estes exemplos, escritos pelos principais analistas bíblicos cristãos, mostram que é inteiramente legítimo pensar na “palavra” como a expressão de Deus, e não do *Seu Filho*, naquela fase da história. O Filho é, de facto, aquilo em que a palavra se tornou. Assim, o Filho é a expressão humana visível do propósito pré-planeado de Deus. *Não houve Filho de Deus até que o Messias foi concebido na história*. Antes disso, Deus tinha o Seu Projeto e Plano “com Ele”, no Seu coração.

### ***Quando É Que O Filho De Deus Começou A Existir?***

Lucas não tinha dúvidas sobre a razão e a base pelas quais Jesus tinha o direito de ser chamado “Filho de Deus”. Foi como resultado do milagre sobrenatural realizado no seio de Maria que Jesus é verdadeiramente “o Filho de Deus”. “*por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado [dio kai] Filho de Deus*” (*Lucas 1:35*). Lucas não acreditava num Filho eterno ou preexistente. O Filho foi concebido sobrenaturalmente na história quando Maria ficou grávida. Mateus teve o cuidado de observar que o que aconteceu no seio de Maria foi a criação, a existência, a geração do Filho de Deus. Ele não foi concebido antes daquele momento milagroso. *Mateus 1:20* afirma que “*o que nela foi gerado é do Espírito Santo*”. Naquele momento, e não antes, Deus tornou-se Pai do Filho único, Jesus.

---

<sup>[16]</sup> “*Jesus Christ Our Lord*” (Jesus Cristo Nosso Senhor); Herald Press, 1987, 105.

<sup>[17]</sup> “*The Bible and Popular Theology*” (A Bíblia e a Teologia Popular), *Dr. G. Vance Smith*, 159. O *Dr. Smith* era um membro não trinitário do comité de tradução da RV.

<sup>[18]</sup> “*Dissertation*” (Dissertação), 1876, 16.

Outros escritores do Novo Testamento proclamam a mesma verdade sobre como Deus finalmente falou num Filho nos tempos do Novo Testamento. Jesus é o cumprimento da maior de todas as promessas de Deus: Paulo escreveu a *Tito* (1:1-3) sobre “*pleno conhecimento da verdade... na esperança da vida eterna que o Deus que não pode mentir prometeu antes dos tempos eternos e, em tempos devidos, manifestou a sua palavra mediante a pregação que me foi confiada por mandato de Deus [Evangelho].*” A salvação chega até nós “*não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos, e manifestada, agora, pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus*” (2 Timóteo 1:9, 10).

### ***F. F. Bruce e o Professor Don Cupitt***

O renomado estudioso bíblico *F. F. Bruce* desafia a tradução tradicional de *João 1:1* com estas palavras: “Sobre a questão da preexistência, pode-se pelo menos aceitar a preexistência da Palavra eterna ou Sabedoria de Deus, que (quem?) se encarnou em Jesus”.<sup>[19]</sup>

O professor *Cupitt* de Cambridge escreve:

As palavras de João deveriam ser retraduzidas: “O Verbo estava com Deus Pai e o Verbo era o Verbo do Pai”, para realçar que o Verbo não é um ser divino independente, mas é a única autoexpressão de Deus. Se tudo isto estiver correto, então até a linguagem de João sobre Jesus ainda se enquadra no âmbito do modelo Rei-embaixador.<sup>[20]</sup>

As opiniões ponderadas destes proeminentes pensadores cristãos mostram que é suficiente pensar na “palavra” como a expressão de Deus, e *não do Seu Filho antes de Ele gerar o Filho em Maria*. Segundo este modelo, o Filho é, de facto, aquilo em que o Verbo se tornou.<sup>[21]</sup> O Filho não preexiste como Filho. O Filho é a expressão humana visível do propósito predeterminado de Deus. *Não houve Filho de Deus até que o Messias foi concebido na história*. Antes disso, Deus tinha o Seu Projeto e Plano “com Ele”, como base de toda a Sua intenção para a criação e para a humanidade. De acordo com este entendimento, o Messias é verdadeiramente um ser humano, um estatuto que não lhe pode ser reivindicado se estiver vivo desde antes do Génesis!

### ***Unidade De João Com O Resto Do Novo Testamento Ou A Sua Oposição A Este?***

Se lermos João e a sua introdução desta forma, encontrá-Lo-emos a proclamar, juntamente com os outros evangelistas e o resto do Novo Testamento, o facto importantíssimo de que Jesus é o Messias, o Filho de Deus. Sobre esta grande verdade a igreja deve ser fundada (*Mateus 16:15-18*) e unida, e com este único propósito – demonstrar e incentivar a crença em Jesus como o Messias – João escreveu todo o seu evangelho (João 20:31). Mas note cuidadosamente que o Messias é o

---

<sup>[19]</sup> Da correspondência com o autor, 13 de junho de 1981, sublinhado nosso.

<sup>[20]</sup> “*The Debate About Christ*” (O debate sobre Cristo), SCM Press, 92.

<sup>[21]</sup> Compare-se, *Leonhard Goppelt*, “*The Theology of the NT*” (A Teologia do Novo Testamento) (Eerdmans, 1992), Vol. 2, 297: “O *logos* do prólogo tornou-se Jesus; Jesus era o *logos* feito carne, não o *logos* enquanto tal”. Este comentário de *Goppelt* foi citado com aprovação por *James Dunn* em “*Christology in the Making*” (Cristologia em construção), SCM Press, 1989, fn. 120, 349.

senhor humano de David (*Salmo 110:1*), o Filho de Deus, e que existe apenas um Deus. Recorde-se também as sábias palavras de um importante estudioso contemporâneo:

Na verdade, para se ser “Filho de Deus” é preciso ser um ser que *não* é Deus! ...É uma interpretação errônea comum, mas gritante, do início do Evangelho de João, lê-lo como dizendo: “No princípio era o *Filho*, e o *Filho* estava com Deus, e o *Filho* era Deus”. O que aqui aconteceu foi a substituição do Verbo pelo *Filho* (*logos* grego), e assim o *Filho* torna-se membro da Divindade que existia desde o princípio. <sup>[22]</sup>

Todo o “problema” trinitário foi construído sobre esta reviravolta fatal. A resolução deste problema só ocorrerá quando regressarmos ao monoteísmo unitário de João, Jesus e de toda a Bíblia.

O famoso historiador da Igreja *Adolf Harnack* apontou a raiz do problema colocado pelas visões tradicionais da Divindade:

Os gregos, como resultado do seu interesse cosmológico, abraçaram este pensamento [de uma preexistência literal do Filho] como uma proposição fundamental. A “*The Complete Greek Christology*” (Cristologia Grega Completa) é então expressa da seguinte forma. “Cristo, que nos salvou, sendo o primeiro espírito e princípio de toda a criação, fez-se carne e assim nos chamou”. <sup>[23]</sup> *Este é o credo teológico e filosófico fundamental sobre o qual se constroem todas as especulações trinitárias e cristológicas da Igreja dos séculos seguintes, e é, por isso, a raiz do sistema dogmático ortodoxo*; porque a noção de que Cristo foi o princípio de toda a criação conduziu necessariamente, em alguma medida, à conceção de Cristo como o Logos. Pois os homens cultos há muito que consideravam o Logos como o princípio e o princípio da criação. <sup>[24]</sup>

### ***Uma Viragem Gnóstica das Palavras de João***

*João 1:1* sofreu nas mãos dos seus expositores gnósticos desde o início, mesmo no período do Novo Testamento. Quer *1 João 1:1, 2* tenha sido escrito antes ou depois do Evangelho de João, fornece exatamente o comentário de que precisamos para esclarecer *João 1:1*. Com grande ênfase, o apóstolo tenta garantir que pensamos na palavra como “isso”, e não “ele”. Há nada menos do que cinco pronomes neutros em *1 João 1:1-3*. “*O que era desde o princípio ... a respeito do Verbo da vida ... e nós vos anunciamos a vida do mundo futuro, que estava com [pros] o Pai e nos foi manifestada*”. Era a promessa da Vida Vinda, a promessa do Reino que estava “com o Pai”. Esta promessa foi manifestada na carne na conceção do Messias. O Messias personificou todas as promessas de Deus. Deus estava e está nele reconciliando o mundo consigo mesmo. Mas transformar a promessa na pessoa real do Messias, que existia conscientemente antes do seu nascimento, é destruir a promessa e o seu cumprimento. Deus não falou num Filho nos séculos passados, mas nestes últimos dias (*Hebreus 1:1, 2*).

Com toda a probabilidade, Juan foi “virado de pernas para o ar”. O que ele pretendia era evitar todas as tentativas de introduzir uma *dualidade* na Divindade. Para João, a palavra era o próprio Deus, e não uma segunda pessoa. A subsequente mudança, post-bíblica, da “palavra” como promessa divina desde o início, o Evangelho alojado na mente e no propósito do Deus único, para

---

<sup>[22]</sup> Colin Brown, D.D., *Ex Auditu*, 7, 1991, 88, 89.

<sup>[23]</sup> *II Clement 9:5*.

<sup>[24]</sup> *Harnack, “History of Dogma”* (História do Dogma), Vol. 1, 328, ênfases acrescentada.

uma *segunda* “*pessoa*” *divina real*, o Filho, vivo antes do seu nascimento, introduziu um princípio de confusão e caos do qual a Igreja nunca se libertou. Esta mudança foi a semente corruptora do trinitarismo posterior. Deus passou a ser dois e mais tarde, com o acréscimo do Espírito Santo, três. Cabe aos crentes de hoje voltar a crer em Jesus como o Messias humano e no Deus Único de Israel, seu Pai, como “*o único Deus verdadeiro*” (*João 17:3*). Deus é uma pessoa, não é três.